

Quem passa hoje pela rua Comendador Caminha na direção da Mostardeiro, frente ao Parque Moinhos de Vento, dificilmente perceberá a casa pintada de verde pistache, prensada entre o novo hotel TRYP Porto Alegre e um edifício residencial com improvável cobertura em duas águas (Fig. 1). Antes da reforma, que, além da nova pintura, retirou-lhe os brises verticais de alumínio do segundo pavimento, trocou as esquadrias originais por janelas de madeira com venezianas, e interveio no pilotis de entrada e na planta do térreo, ali se encontrava uma das únicas casas modernas de Porto Alegre (Fig. 2), representativas daquela arquitetura brasileira reconhecida internacionalmente. O projeto teve a autoria de um pioneiro da arquitetura moderna no Estado, o arquiteto alagoano Carlos Alberto de Holanda Mendonça (1920-1956). Outros trabalhos de Holanda Mendonça em Porto Alegre também não se encontram a salvo: quase ao mesmo tempo, duas de suas obras fundamentais, os edifícios Santa Terezinha e Consórcio, são objeto de reformas de fachada, que poderão descaracterizá-las ou comprometê-las irremediavelmente.

Da mesma forma, outros marcos da arquitetura moderna em Porto Alegre encontram-se às voltas com ameaças de maior ou menor comprometimento. Pensemos nas Tribunas Sociais do Hipódromo do Cristal (Román Fresnedo Siri, 1952), com a implantação do Shopping Cristal e agora com a exposição Casa & Cia; no Tribunal de Justiça (Luiz Fernando Corona e Carlos M. Fayet, 1953), em restauração, felizmente com participação de um dos autores do projeto; no novo auditório do Tribunal de Contas do Estado (Jaime Lompa, 1956, com o harmonioso acréscimo posterior de um pavimento por Emil Bered); e, mesmo no Edifício Esplanada (Román Fresnedo Siri, 1952), com uma “limpeza de fachada” que, utilizando rejunte branco nas pastilhas vitrificadas da grelha sobre a rua Ramiro Barcelos, acabou eliminando sua magnífica tonalidade verde-esmeralda original. Seguem um padrão que já alterou o painel de empena para a rua Sete de Setembro da Agência Central do Banco do Brasil e desfigurou o térreo e mezanino da agência Centenária do antigo Banco da Província.

Na contramão de outras cidades que revalorizam seu patrimônio arquitetônico moderno¹, Porto Alegre parece querer desvencilhar-se do que restou do seu. Não se está defendendo, desta forma, o congelamento reacionário da cidade, mas a necessidade de bom senso nos critérios de intervenção. O que ocorreu com a casa de Holanda Mendonça é, nesse sentido, emblemático, pela qualidade de sua arquitetura e por sua exemplaridade. Este artigo tem a intenção de recuperá-las, antecipando alguns resultados de pesquisa em andamento sobre sua obra como pioneiro da arquitetura moderna em Porto Alegre.

Projetada em 1950 para Jorge Casado d’Azevedo, um dos proprietários da empresa construtora *Azevedo, Bastian e Castilhos* (conhecida como ABC), para quem Holanda Mendonça trabalhava à época, a casa revela, tanto em sua configuração espacial como nos elementos compositivos, a influência da arquitetura moderna brasileira

opinião

*Silvio Belmonte de Abreu Filho
Luís Henrique Haas Luccas*

hegemônica da escola carioca. Essa influência é destacada por Xavier e Mizoguchi em sua descrição da obra em “Arquitetura Moderna em Porto Alegre”:

“Ela ocupa toda a frente leste de um terreno plano de 16 x 46m, revelando, em diversos recursos empregados, a clara influência da arquitetura carioca, meio no qual Mendonça era formado. Além da inclinação da cobertura e do tratamento de toda a extensão do corpo superior da casa, sob pilotis (sic), com brise-soleil de alumínio, as influências se manifestam também através da organização dos espaços, como a disposição das diversas dependências segundo três níveis, funcionando a escada e um ambiente de pé-direito duplo como elementos articuladores do espaço.”²

A falta que ela nos faz

Reflexões sobre a perda da arquitetura moderna em Porto Alegre

No início dos anos 50, a casa da rua Comendador Caminha fazia frente para o Hipódromo do Moinhos de Vento, posteriormente transferido para o Cristal, dando lugar ao atual Parque. Erguida sobre pequeno pódio de cerca de metro de altura, destacava-se entre outras residências igualmente recentes. Nela, Holanda Mendonça teve liberdade e orçamento para colocar em prática sua habilidade nas estratégias de projeto da escola carioca. Elas se manifestam através da simplicidade diagramática do partido em L contra a face sul do terreno, com um corpo frontal desenvolvido em dois pavimentos: o primeiro constituído de amplo *pilotis* de acesso com teto plano e o segundo de uma ala de dormitórios com balcão frontal, integrados espacialmente pelo corpo intermediário da sala de estar com o mezanino superior de acesso aos dormitórios; através da cobertura com caimento único para fundos, unificando a casa longitudinalmente; e também pelo uso do *brise-soleil* cobrindo a fachada superior leste e protegendo lateralmente a sala de estar a norte.

Dessa forma, a casa mostra-se uma descendente direta da escola carioca, daquela arquitetura “alveolar” de matriz corbusiana, não somente a partir de elementos epidérmicos, como também de estruturas abstratas de montagem do partido. Vincula-se às composições iniciadas por Niemeyer em sua própria casa na Lagoa (1942), que tiveram desdobramentos em outros projetos dos anos 40 e 50, como a casa Jadir de Souza (1951) no Leblon (Fig. 3), de Sérgio Bernardes, uma concepção ensaiada pelo autor no “*avant projet pour une résidence*”³ publicado três anos antes, e a casa de Antonio Ceppas no Leblon, Rio de Janeiro, projeto de Jorge Moreira finalizado em 1958. Trata-se de um projeto pioneiro, juntamente com a residência Edvaldo Pereira Paiva (1948) de Edgar Graeff (1921-1990), jovem arquiteto gaúcho graduado no Rio de Janeiro em 1947, que retorna à cidade na mesma época.

Hugo Segawa insere a vinda de Holanda Mendonça a Porto Alegre (assim como o retorno de Graeff) num movimento mais amplo de difusão da arquitetura moderna no Brasil, a partir da segunda metade da década de 40. No capítulo A AFIRMAÇÃO DE UMA HEGEMONIA 1945-1970 de seu *"Arquiteturas no Brasil 1900-1990"*, Segawa defende que a influência da escola carioca se fez visível nas principais cidades do País, a partir da década de 40, em função da participação de arquitetos do Rio de Janeiro ou ali formados na ENBA e, posteriormente, na Faculdade Nacional de Arquitetura.

*"Jovens de várias partes do Brasil que foram buscar formação em arquitetura no Rio de Janeiro se transformaram em mensageiros da arquitetura moderna [...] Arquitetos-migrantes (como conceituamos anteriormente) que se formaram no Rio de Janeiro disseminaram a linguagem carioca [...] Carlos Alberto de Holanda Mendonça (1920-1956), alagoano que se transferiu para Porto Alegre em 1948, introduziu o padrão carioca em empreendimentos comerciais com dignidade e, se não fosse a morte prematura, seria um arquiteto com maior reconhecimento."*⁴

Carlos Alberto de Holanda Mendonça chegou a Porto Alegre em 1948 (de acordo com Xavier e Mizoguchi, data mantida por Segawa), para trabalhar na Secretaria de Obras Públicas; ou ainda em 1947, conforme consta no protocolo de seu primeiro projeto registrado na cidade, a Casa do Pequenino, construído parcialmente na esquina das avenidas Ipiranga e João Pessoa. Realizou grande número de projetos em menos de uma década de atividade, alguns de grande porte e presença na cidade, como os edifícios Formac (1952), Santa Cruz (projeto inicial de 1955, modificado em 1956), e Consórcio (1956), falecendo precocemente aos 36 anos. Contou, a partir de meados dos anos 50, com a colaboração de Jayme Luna dos Santos, arquiteto formado em Porto Alegre, que deu continuidade ao seu ateliê.

No final da década de 40, passa a trabalhar para a construtora Azevedo, Bastian e Castilhos, projetando ainda em 1950 a casa Dante Campana, um volume compacto de base retangular com três pavimentos, o edifício Santa Terezinha na recém aberta avenida Salgado Filho, um "edifício-placa" com pouca profundidade e grande testada, cuja fachada norte explora modenatura análoga ao Ministério da Educação, e as residências Casado d'Azevedo e Carlos Fett Paiva (rua Carlos de Carvalho, atual Gonçalo de Carvalho), protocoladas em 1951. Ainda de acordo com os microfilmes do arquivo da Prefeitura, projeta em 1953 os edifícios Raul Cauduro (rua Espírito Santo), São Sebastião (avenida Independência) e Marieta (rua Marechal Floriano), todos para a ABC; em 1953-54, os edifícios Cerro Formoso (Praça Júlio de Castilhos, com 14 pisos, de Amarílio Macedo, para a ABC) e GBOEX (entre Siqueira Campos e Mauá, com 20 pisos, para o Grêmio Beneficente dos Oficiais do Exército); em 1955, o edifício General Osório (Borges de Medeiros, com 25 pisos, para a ABC); e, em 1956, os edifícios Consórcio (avenida Mauá com Largo Visconde



1



PLANTA PAV. TERRED

- 1 — Garagem
- 2 — Lavabo
- 3 — Área de serviço
- 4 — Copa
- 5 — Cozinha
- 6 — Escritório
- 7 — Lavanderia
- 8 — Q. empregada
- 9 — Jantar
- 10 — Estor
- 11 — Jardim
- 12 — Terrapço coberto
- 13 — Lago

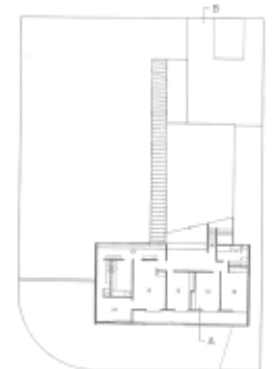
PLANTA PAV. SUPERIOR

- 1 — Dormitório
- 2 — Banho
- 3 — Vazio
- 4 — Varanda
- 5 — Circulação

2



área 1:300



andar superior

3

de Cairú, para o Consórcio Rio-grandense de Imóveis e Azevedo Moura Gertum) e Santa Cruz (com Jayme Luna dos Santos, encomendado à Construtora Ernesto Woebke pelo Banco Agrícola Mercantil, primeiro em estrutura metálica e ainda hoje o mais alto de Porto Alegre, com 32 pavimentos). Após sua morte, ainda foi registrado em 1957 o edifício João R. Pinto (Largo Visconde de Cairú, esquina Júlio de Castilhos, ao lado do edifício Consórcio, com Jayme Luna dos Santos).

Ainda merece ser destacado o projeto do Pavilhão do Rio Grande do Sul para a Feira do IV Centenário da cidade de São Paulo (1954), com Jayme Luna dos Santos. É possível que a continuidade da pesquisa venha a revelar outros projetos de sua autoria, sendo prática comum na época o registro de projetos no nome da construtora.

Numa década em que o paradigma da modernidade coincidia com as idéias de verticalização e metropolização, e com a cuidadosa inserção de edifícios de arquitetura moderna num tecido ainda predominantemente tradicional e figurativo, Holanda Mendonça é certamente um de seus epígonos.

A contribuição original e pioneira de Holanda Mendonça para a arquitetura moderna porto-alegrense, reconhecida por autores como Segawa e Xavier e Mizoguchi, vem constituir ponto de tangência de duas teses doutorais em Arquitetura, presentemente em elaboração no PROPAR⁵, justificando a pesquisa específica que ora se desenvolve com a participação dos dois autores. Infelizmente, tanto esta quanto o presente artigo chegam tarde para prevenir a mutilação da casa Casado d'Azevedo, a pintura azul do edifício Santa Terezinha e a imagem desoladora da grelha da fachada norte do edifício Consórcio, reminiscência corbusiana com ecos do arranha-céu de Argel, descascada frente ao porto. Não tão tarde, entretanto, se puderem servir de alerta contra a descaracterização e dilapidação de nosso patrimônio arquitetônico moderno, já relativamente reduzido e incapaz de sobreviver às próximas perdas.

Silvio Belmonte de Abreu Filho é arquiteto (UFRGS/1975), mestre em Planejamento Urbano pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne/1979), Professor Adjunto do Depto. de Arquitetura e pesquisador do PROPAR/UFRGS desde 1980, onde encontra-se em doutoramento.

Luís Henrique Haas Luccas é arquiteto (UFRGS/1983), mestre em Arquitetura pelo PROPAR/UFRGS (1997), onde encontra-se em doutoramento, e professor assistente do Depto. de Arquitetura da UFRGS.

NOTAS

1 Não nos referimos somente a obras importantes como a restauração do MAM, no Rio de Janeiro, ou da Oca Modernista do Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Ocorre uma valorização imobiliária dos edifícios residenciais modernos no Rio de Janeiro, que também recebem o destaque de matérias jornalísticas frequentes; e, dos edifícios do bairro Higienópolis, em São Paulo (homogeneamente composto de edifícios modernistas das décadas de 40, 50 e início dos 60), cuja rua Rio de Janeiro apresenta o m² residencial mais valorizado da cidade. Da mesma forma, Belo Horizonte valoriza os edifícios projetados por Niemeyer, o mesmo ocorrendo com Niterói e Curitiba.

2 XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura moderna em Porto Alegre*. São Paulo: Pini, 1987. p. 72-73.

3 Em *L'Architecture D'Aujourd'Hui*, Paris, n. 18-19, jun. de 1948.

4 SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999. p. 141-142.

5 Trata-se das teses de Luís Henrique Haas Luccas, *A VANGUARDA DOMÉSTICA: Arquitetura Moderna em Porto Alegre* (or. Dr. José Artur D'aló Frota), qualificada em 2002, e de Silvio Belmonte de Abreu Filho, *PORTO ALEGRE COMO CIDADE IDEAL: Planos e Projetos Urbanos para Porto Alegre* (or. Dr. Cláudio Calovi Pereira), qualificada em janeiro/2003.